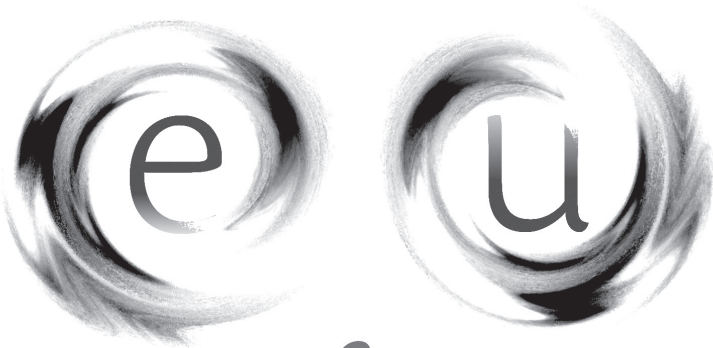


TANUSSI CARDOSO



e
outras
consequências

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2017



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA: Dáblío Jotta

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B238l CARDOSO, Tanussi.

Eu e outras consequências / Tanussi Cardoso – Penalux:
Guaratinguetá, 2017.

122 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-190-6

1. Poesia I. Título

CDD B869.1

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

DE FUMAÇA, A PALAVRA

Toda palavra é noite.
Perpetua a angústia do não encontro.
Há sempre perda no contato,
Mesmo que se some à pele o espanto.

Toda palavra é prisão e liberdade.
Intervalo entre som e silêncio.
Toda palavra é falta.
Suspiro entre sopro e chama.

Toda palavra é não.
Dentes demasiados de dor.
Toda palavra é vã e vão.
Ainda que belamente perfeita.
Ainda que de adjetivos – cilada, aparência.

Toda palavra é falácia.
Nada e maravilha.
Toda palavra é nunca.
O amor, por exemplo. Ou como Deus se pronuncia.

*(Eis que nenhuma palavra é dia.
A não ser alguma que à esperança mentia.)*

Toda palavra ornamenta uma lápide
De mistérios e magias.
Daí, a incompletude – sua infinita largueza.
Daí, a poesia implícita em cada uma:
Barro e cimento. Pedra-viva.

Toda palavra diz-se cedo.
O adeus, por exemplo. Ou como o morto se anuncia.

ORIGEM 1

eu não sou
de onde nasci

eu não sou
de onde vim

*nenhuma língua me engana
nenhuma terra me enterra*

eu sou
onde estou

eu sou
onde sou

SIGNO

Não falo a língua
dos outros
Minha língua
me língua
e me lambe
a fala
que nasce
foz

De ouro
ou cobre
não lhe cobro
gosto
ou prosa
mas o que nela
existe
de flor
e rocha

DA PELE

Nenhum rio
deságua em mim
Nenhum peixe
me socorre

Eu seco

O GESTO INCONSÚTIL

O eclipse da Lua despedaçando-se nas vidraças.
O olho se escondendo no terceiro olho do guru da Índia.
As estrelas que nascem no peito e não nos ensinam
como comê-las.

A infância, dissolvida na neblina.

No casarão do Cachambi,
mamoeiros, mangueiras e morcegos
voam, nos cabelos e arrepios.

Os fantasmas dos porões
arrastam-se nos medos.
O vento uiva nas janelas.

O sexo, no quarto ao lado, onde nasci homem.
O sexo encardido dos meninos descobrindo-se nos lençóis.

Eu, de joelhos, e as velas acesas na culpa da igreja.

O samba, a Carmen, a Aracy e o tango vermelho do pai
rodopiam
entre ternos cortados, saias rasgadas, chapéus-panamá,
saltos altos e coxas.

O sol no jardim, que a catarata do pai não vê mais.

A bicicleta do E.T. voando pelos ares: liberdade.
A noviça cantando nas montanhas: liberdade.
Las aves que anuncian las flores de Sara.
Johnny Guitar morrendo por amor.
E Deus criando o pecado chamado Bardot.

A lâmpada lilás do sexo barato das gonorreias.

O abismo que é abismar-se
com o abismo e as maravilhas da Arte.
O rio da poesia que corre não sei pra onde
e sempre é menor que o Tejo.
As pernas dos homens e mulheres subindo e descendo
bondes de Drummond.
A poesia, o poema, a palavra, o verbo, o verso, a fala: a ponte.

